

Agressão ao meio ambiente remove dunas de Itaúnas

Fotos de Gildo Loyola

José de Anchieta

Desmatamentos, queimadas e o uso irracional do solo podem decretar o fim de um dos maiores patrimônios turísticos do Estado: as dunas de Itaúnas, em Conceição da Barra, tombadas pelo Conselho Estadual de Cultura, e onde, sob toneladas de areia, encontra-se soterrada há 35 anos a antiga vila de Itaúnas. Após tantos anos, o fenômeno de processo de modo inverso. A vila começa a deixar seu "túmulo", pois as constantes agressões ao ecossistema local estão alterando a dinâmica das dunas. Além de desenterrar a cidade, elas avançam em direção à estrada que liga a atual vila de Itaúnas ao município de Pedro Canário. Ironicamente, os primeiros indicativos do ressurgimento da cidade soterrada são a parede e o mastro da igreja, além da cerca do cemitério e de dezenas de ossos espalhados pela areia. neste verão, turistas nacionais e estrangeiros levaram dezenas de "souvenirs", como tibias e crânios, para seus locais de origem. Uma preciosa parte da história da antiga vila de Itaúnas, sob protestos dos nativos, desapareceu por falta de um programa para desenvolvimento do turismo racional.

Se não for impedido o processo de depredação do meio ambiente, as dunas tendem a avançar em direção ao continente, soterrando a estrada e as propriedades vizinhas. O local onde a antiga vila está enterrada pode se transformar num imenso areal, tudo em consequência do desmatamento da vegetação da esteira (capoeira) atrás das dunas.

A opinião é de oceanógrafos do IBDF e da Secretaria Estadual de Assuntos para o Meio Ambiente (Seama), que estiveram na região, na última sexta-feira. Acrescentaram que os erros cometidos na década de 50 pelos moradores locais, que ocasionaram o soterramento da vila, estão sendo repetidos agora em maior intensidade.

"O fenômeno mostra a má relação homem x natureza", avaliou o oceanógrafo João Carlos Tomé, do IBDF, ao revelar que as dunas só não cobriram ainda a estrada por causa da vegetação secundária existente entre a ponta sul das dunas e o rio Itaúnas. "Acredito que, se não for desenvolvido com urgência um programa de fixação com vegetação e anteparos (galhada, material de poda de árvores e esteira de palha de Guriri, a tendência é a antiga vila ser descoberta e o local virar um grande deserto".

O cientista também crê

metros, estão com apenas oito de altura e, anualmente, avançam 10 metros em direção à estrada.

O oceanógrafo sublinhou que é necessária uma campanha de orientação aos turistas e nativos para a preservação das dunas para contribuir para o desenvolvimento de um turismo racional na região. Como são móveis e estão desprotegidas por falta de vegetação, é importante que sejam direcionados caminhos entre as dunas. "As pessoas pisam e provocam deslocamento da areia. É preciso que sejam orientadas a caminhar pelo local que já está muito afetado pela depredação sistemática a que vem sendo submetida".

O professor da Ufes, Celso Perota, que há anos desenvolve estudos num sítio arqueológico da região, garante que as dunas estão se movimentando em direção à cidade e à estrada "há muito tempo". Isto é consequência de desmatamentos que estão erodindo as margens do rio Itaúnas e, há cerca de um ano, alteraram a velocidade do manancial, que redundou na queda da ponte.

Para salvar o patrimônio, Perota propõe a criação de um sítio histórico com fixação de vegetação e também delimitação de caminhos entre as dunas, com o objetivo de evitar seus deslocamentos. Conforme explicou, a falta



Ossadas começam a ressurgir da areia



No seu processo de regressão, as dunas já estão próximas à nova vila de Itaúnas



Turistas estão aproveitando resquícios da antiga vila de Itaúnas como souvenirs

Restos da antiga cidade ressurgem

As dunas sempre exerceram fascínio sobre turistas e nativos. Seja o misticismo que envolve o soterramento da antiga vila, até a paisagem deslumbrante que se descortina do alto delas do Oceano Atlântico e da vila atual. Agora, com o aparecimento de ossos na areia, as dunas parecem atrair cada vez mais curiosos.

Só neste verão, a Prefeitura calcula que 10 mil pessoas visitaram Itaúnas, atraídas também pela notícia de que o cemitério está despontando, há quase um ano, do meio das dunas. Os moradores locais não se conformam que os ossos de seus antepassados sejam profanados pelos turistas.

O oceanógrafo João Carlos Tomé também concorda com os nativos e acha que os restos mortais devem ser deixados no local para visitação pública. O professor Celso Perota não ocultou sua indignação, ao ser informado que turistas de Belo Horizonte levaram dezenas de ossos para mostrar a amigos e parentes, além de um francês que recolheu um crânio para transformá-lo em cinzeiro.

"Eu considero isto um absurdo e uma violação à história de Itaúnas. Alguma coisa precisa ser feita com urgência, pois, do contrário, todo material que for surgindo será recolhido por pessoas estranhas ao local", avalia Perota. Já Wagner Barberro disse que esta atitude dos visitantes vai acabar por descharacterizar ainda mais o local, já tão "vitimado pelas agressões ao meio ambiente".

A Prefeitura de Conceição da Barra pretende iniciar um programa de reocupação do solo, com vistas ao que ainda remanesce da fauna e flora locais. Dentre as medidas, constam arborização e criação de 12 áreas (jardins) em torno da Vila de Itaúnas.

O cientista também crê que as dunas possam avançar sobre a atual vila de Itaúnas, embora o rio seja uma barreira natural. “Não posso prever o tempo, porém, o rio Itaúnas tinha dois canais e um deles ficou bloqueado pelo assoreamento e também pelo aterro da estrada, o outro canal ficou com sua energia de água restrita e, conseqüentemente, está erodindo as margens e quase avançando sobre as residências. Ocorrendo isso, é provável que as dunas também avancem sobre a cidade”.

João Tomé denunciou que proprietários rurais da região que, além de desmatarem estão fazendo carvão das matas. Na última sexta-feira, ele sobrevoou a região de Itaúnas e descobriu cinco ou seis focos de incêndio em plantações de eucalipto e reservas particulares.

Todo este ataque ao meio ambiente reflete sobre as dunas. Estas, por serem móveis e não terem proteção de vegetação para fixá-las, são empurradas pelo vento e começam a se espriar. Segundo ele, as dunas estão diminuindo de altura ano após ano. O fato também foi confirmado por um estudo encomendado pela Prefeitura de Conceição da Barra. Segundo o levantamento, as dunas, que chegaram a atingir até 20

Conforme explicou, a falta dessas medidas ocasionam a prática de verdadeiras aberrações: turistas passeando de moto, subindo pela ponte norte, quando o certo seria atingir as dunas pelo lado sul — ainda protegido por remanescentes de vegetação rasteira — e até a instalação de barraquinhas na temporada de verão, que despejam restos de alimentos no local, embora ali não exista serviço de coleta de lixo.

Os desmatamentos, conforme o arqueólogo, fazem com que o vento empurre as dunas e estas causem alteração no curso do rio. Outro detalhe: há testemunhos de que as duas foram mais altas e menor em extensão. Hoje, ocorre exatamente o contrário: a extensão é maior e a altura menor. Isto explica por que a cidade está sendo descoberta e as dunas começam a se espriar e se deslocarem na direção da estrada.

Para o geógrafo paulista Wagner Barberro, o desmatamento da orla marítima enfraqueceu o solo, deixando as dunas vulneráveis à ação eólica (vento). Também defende o reflorestamento urgente com mata secundária para conter as dunas e evitar que elas cubram a estrada e, “algum dia, terminem soterrando a atual vila de Itaúnas”.

Turistas e pescadores ameaçam andorinhas marinhas de extinção

Itapemirim — “Os turistas e pescadores desta cidade estão acabando com os ovos das andorinhas marinhas daqui e ameaçando seriamente a extinção da espécie”, acusou ontem o diretor da Associação Itapemirinese de Defesa Ecológica e Cultural (Aidec), José Olívio.

“Já denunciemos aos órgãos de fiscalização a prática predatória, mas até agora nada foi feito. A fiscalização é totalmente inoperante, pois nunca se viu, até hoje, nenhuma lancha vistoriando o local de desova das andorinhas” — reclama José Olívio, responsabilizando os próprios pescadores pelo problema.

“Eles (os pescadores) quando saem para pescar recolhem centenas de ovos em balaios para fazer farofa. Precisamos conscientizá-los que tal prática, além de determinar a extinção das andorinhas, poderá trazer um sério desequilíbrio no ecossistema”, ponderou.

O ecologista também condenou os veranistas e turistas que, em visita à Ilha Branca — local preferido pelas andorinhas marinhas para reprodução — não tomam qualquer cuidado com os ovos espalhados pelo chão. “A Ilha dos Ovos — como também é chamada — está empastada de ovos pisados, tamanha é a imprudência dos visitantes”, acentuou.